

A GEOGRAFIA COMO CIÊNCIA FEMINISTA: CONTEXTOS E DESAFIOS DE GEÓGRAFAS BRASILEIRAS

Este dossiê tem como propósito reunir e aprofundar o debate realizado e as questões suscitadas na ocasião do primeiro espaço de diálogos online realizado pela Revista Geografia em Atos, intitulado: “Geógrafas Brasileiras: contextos e desafios”.

O evento, ocorrido no dia 28 de maio de 2020, através da plataforma Google Meet, foi mediado pela editora Larissa Araújo Coutinho de Paula, e contou com a participação de docentes de diferentes regiões do país, quais sejam: Carmem Lúcia Costa, da Universidade Federal de Catalão (UFCAT), Roseli Alves dos Santos, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) e Vanessa Dias de Oliveira, da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Tal atividade, realizada na semana de comemoração ao dia do (a) Geógrafo (a), teve como propósito homenagear as mulheres que têm contribuído para o amadurecimento teórico e metodológico da ciência geográfica, por meio do ensino, pesquisa e extensão. O debate teve ainda, como pano de fundo, os efeitos da pandemia (COVID-19) sobre a vida das

mulheres, evidenciando a superexploração do trabalho reprodutivo, gerando acúmulo de funções domésticas e de trabalho, e a conseqüente redução da produção científica, no caso das docentes.

Tendo portanto, a mulher como eixo central, no diálogo online organizado, cada professora nos contou brevemente a sua história de vida e trajetória profissional, sua formação e inserção no mercado de trabalho; também expuseram situações de preconceitos, assédios, saúde mental, sororidade, desafios na articulação entre o âmbito profissional e pessoal; e as contribuições e desafios para com a Geografia.

Doravante ao debate, um número considerável de questões foram levantadas pelo público, de modo que, em virtude do limite de tempo, nem todas puderam ser respondidas. Todavia, a equipe da Revista Geografia em Atos transmitiu as perguntas às docentes, convidando-as a prosseguirem as discussões na forma de artigos. Destarte, os textos que se apresentam neste dossiê

são decorrentes deste encadeamento de atividades.

O primeiro artigo da coletânea, intitulado: “Mulheres e suas Geografias em Universidades Brasileiras” de Carmem Lúcia Costa, parte de uma análise pautada no Feminismo Radical, por meio do qual busca contextualizar a inserção feminina na Universidade, os avanços, dificuldades e desafios. A autora pontua a realidade de mulheres em diferentes ocupações: estudantes e docentes. E demonstra como há elementos comuns em suas vidas, como por exemplo: o acúmulo de tarefas, duplas e triplas jornadas de trabalho, o assédio sexual e moral, entre outros.

Seu texto evidencia que o patriarcado e o preconceito de gênero reverberam inclusive, nas escolhas dos cursos de graduação, de modo que as mulheres costumam cursar os cursos menos valorizados e remunerados diante daqueles que o senso comum atribui prestígio social. Ao passo que observa-se a predominância feminina em cursos que envolvem os princípios de zelo e de cuidado, quais como Enfermagem, Psicologia e Licenciaturas. Mesmo as mulheres que decidem cursar graduações nas ditas “ciências duras”, como por exemplo, as engenharias, enfrentam o sexismo e a misoginia. O direito das

mulheres ao estudo e à Universidade foi e segue sendo uma luta cotidiana. E as interseccionalidades determinam diferentes condicionalidades a este acesso, de modo que as mulheres pobres e negras são as mais penalizadas neste processo.

A articulação entre o trabalho e a dinâmica doméstica, e resistência de alguns companheiros, tem repercutido no esgotamento de estudantes e de docentes. No caso das últimas, há que ressaltar a desigualdade na carreira acadêmica, visível na baixa publicação feminina em periódicos científicos de alto impacto. Todo esse contexto, é agravado pelas condições geradas pela pandemia do COVID-19.

O artigo “Mulheres e Geografia – Reflexões Pertinentes?” de Roselí Alves dos Santos, apresenta uma exposição geral sobre os estudos de gênero pela Geografia, indicando a relevância de alguns tópicos. Um deles diz respeito a pluralidade de “ser mulher”, corroborando assim, a importância da interseccionalidade, a princípio com a tríade: gênero, raça e classe.

Segundo a autora, tem ocorrido um aumento gradativo da construção material e científica de geógrafas, porém, a produção maior continua sendo predominantemente masculina. Roselí

destaca a necessidade da criação de redes de estudos de pesquisadoras (es) de gênero pelo Brasil, o que tende a fortalecer seus (suas) integrantes e legitimar tal temática em nossa ciência.

Além dos obstáculos, como as jornadas exaustivas empreendidas pela mão de obra feminina, acentuadas pelo período pandêmico, que ampliou problemas como desemprego (deflagrando a fome), feminicídios e violências contra a mulher; a autora enfatiza a atual conjuntura política do país, marcada pela perseguição ao debate de gênero e as/aos cientistas de modo geral, esta opressão é respaldada em valores morais e religiosos.

Por fim, o artigo “As Mulheres no Âmago da Precariedade Histórica do Mundo do Trabalho”, de autoria de Vanessa Dias de Oliveira, introduz a discussão sobre gênero a partir da categoria “trabalho”, sem deixar de considerar a interseccionalidade. Fundamentada na corrente do materialismo histórico dialético e na teoria marxista, a autora argumenta que a mulher está na linha de frente da precariedade econômica, sujeita ao trabalho reprodutivo não remunerado, inserção em empregos informais, baixo nível de sindicalização, jornadas extenuantes de trabalho e dependência de

políticas públicas de caráter assistencialista.

Vanessa aponta a problemática da secundarização da luta feminista por parte de alguns setores da esquerda, como pesquisadores, movimentos sociais e sindicatos. O que é inconcebível, uma vez que o trabalho feminino não remunerado é uma estratégia naturalizada para a acumulação capitalista. E a situação das trabalhadoras tem sido agravada em virtude da reestruturação produtiva e flexibilização das condições e legislação do trabalho.

A autora também traz, exposições sobre sua vida pessoal, enfatizando as dificuldades que enfrentou na tentativa de conciliar a maternidade com a escrita da tese e o trabalho como docente, diante de instruções normativas e burocracias que estavam longe de contemplar a condição de docentes que se tornavam mães. Vanessa, elenca ainda, questões sensíveis como o afastamento e reinserção na academia após a maternidade, o declínio de produtividade, o feminicídio e situações de violências relatadas por suas estudantes. As situações discorridas são intensificadas na iminência de uma pandemia.

Todos os textos trazem debates válidos e imprescindíveis não somente para os (as) interessados (as) na inclusão

das temáticas de gênero pela Geografia, mas para o público em geral, que se dispõe a refletir e problematizar circunstâncias cotidianas que reverberam sobremaneira na vida de alguns sujeitos,

neste caso as mulheres, em suas mais diversas vertentes: estudantes, professoras, trabalhadoras e mães.

Desejamos à todas e todos uma ótima leitura e enriquecedoras reflexões.

Campinas, 30 de julho de 2020.

Larissa Araújo Coutinho de Paula
Editora Revista Geografia em Atos